

COQUEIRO – Em 1984, estávamos num torneio de fibra curió em Taguatinga DF, à época organizado pelo saudoso e folclórico Antonino Dias Rosa, o Toninho Ferro Velho. Nosso curió Casinha - um dos melhores do Brasil - estava arrebentando, cantando demais e difícil de ser batido. De repente, me avisaram: *"já viste o curió do Gustavo Treilher, ali como canta?"*. Corri lá e vi um curió por nome "Quebra-Coco" gordinho, quatro olhos, cantando no gogó de cabeça baixa de poleiro em poleiro, percebi que o bichinho repetia muito. Fiquei preocupado, senti que havia uma ameaça ao campeão Casinha.



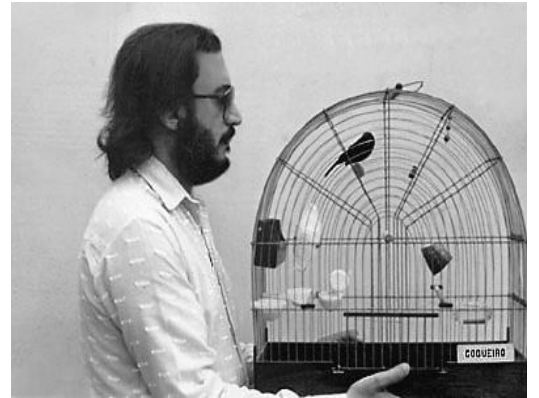
Realmente foi uma disputa acirrada, no fim ganhou o Casinha por pequena diferença, na marcação Quebra-Coco foi no cocho e perdeu aí. Havia observado o desempenho dele durante o torneio e não tive dúvidas que era diferenciado. Fui para casa só pensando no "gordinho", provavelmente o dono não passa o bicho, *"vai pedir muito caro"* era a impressão.

No outro dia, no entanto Jaderson Fernandes, que era o mentor do Gustavo, me ligou e disse: *"gostaste do "Quebra-Coco", é para dispor"*. Até estranhei, curió como aquele era difícil de se ver e ainda ser oferecido, são situações incompreensíveis que acontecem volta e meia. Fiz um rolo, dei bicudo, curió e pouquíssima grana, peguei o bicho, ainda com a preocupação. *"O que será, porque tão no jeito, dizem que curió quatro olhos não presta"*. Ficou apenas na preocupação e a falsa impressão.

Veio com uma fêmea fraca, logo coloquei uma pequeninha extraordinária que tínhamos e que estava solteira. Logo troquei o nome para **"COQUEIRO"** não gosto de novo composto. Soube que tinha vindo do

Rio mas era originário do sudeste baiano porque dava o "rem" chorado daquela região, o nome veio a calhar. O canto um Paracambi intercalado com "traços" com um estouro e um gavião no meio, quer dizer uma grande embolada, mas cheia de agressividade. Cantar de mano com ele era "caixão".

Em sua primeira viagem, um torneio em Ribeirão Preto, tirou segundo lugar na fibra. Na volta, chegando em casa percebi que tinha soltado quase todas as penas das asas e algumas do rabo, um desastre. Se bateu demais na estrada. Percebi que ele tinha os olhos um tanto estufados para fora e que quando se batia os esbarrava nas talas. Isso era a origem de tanto desespero que forçava a derrubada das penas. Comecei a ter mais cuidado para não deixar ele se bater no escuro.



Dali para a frente foi se revelando e cada vez mais. Descobri que além da fibra o forte dele era efetivamente a repetição. Muitos espetáculos proporcionou, durante três anos, praticamente imbatível nessa modalidade no "Canto Livre com Repetição" o mesmo "Peito de Aço". Foi tricampeão nacional na modalidade, circulando por todo o Brasil, apresentações notáveis. Lembro-me de uma em Anápolis GO que na primeira cantada deu 2:42 mm, deu um pulo, cantou de novo e fechou os 5:00. Foram muitas desse tipo, em Rio, São Paulo e Minas Gerais.

Em Cuiabá um amigo o Antonio Carlos, chegou perto e falou que precisava de um grande favor meu: "*Aloisio, me deixa apresentar o Coqueiro, é o maior sonho da minha vida*". Estranhei, mas concordei, o grande espetáculo foi ele mesmo naquele momento. Parecendo um gato foi conduzindo o campeão na palma da mão, em câmara lenta como se fosse um bibelô. Muito engraçado,

Coqueiro fez a sua parte repetiu como nunca, os dois foram muito aplaudidos, rssss

Muita gente ia em casa para ver o **Coqueiro**. Ficava no corredor perto de minha suíte, deitado na cama dava para avistá-lo. Cantava lá calmo, repetindo pouco e meio quietão. Era só chegar perto e mexer com ele, estalar o dedo e sair de perto. Começa a disparar cantadas por volta de dois minutos ou mais. Todos que viam ficavam extasiados, um show particular e raro de se ver, ainda mais naquele tempo que não havia reprodução de pássaros de alta linhagem nesse quesito.

Um dia, novo de muda, estava passeando com ele. Passei em casa do Tenente Alcides no Cruzeiro. Cheguei coloquei o bicho numa mureta e lá começou a cantar normal. De repente o Tenente disse: "vou buscar o meu lá para treinar" Disse a ele: "não faça isso, Coqueiro é muito forte de mano, estufa, dá rajadas e gavião, arrebenta o outro. Não coloco nem os de casa perto, mata qualquer um deles". Ele riu e foi buscar o bichão. Colocou-o a dois metros de distância na outra mureta do portão. Coqueiro deu uma pirueta e inchou e disparou durante uns 30 segundos, foi só. Imediatamente o valentão desasou. "Tá vendo eu te avisei", falei ao Tenente, que ficou sem explicações.

Era um curió completo, pau pra toda obra. Quando ia a torneios em Cuiabá gostava de ir no brejo onde havia curiós soltos para agitar os curiós da Lagopas. Pendurava um aqui outro ali, logo apareciam curiós de todos os lados. Coqueiro ficava brabo, mas de forma inteligente não se atracava com o solto, estufado começava a disparar dando piruetas, o solto ficava possesso querendo até entrar na gaiola, uma coisa de doido. Daí a pouco ficava com medo daquele turbilhão de agressividade e sumia de perto.

Depois de algum tempo embora sempre fizesse boas apresentações resolvi colocá-lo só no "pindura" quase não mais na roda. A última vez, no torneio dos campeões de fibra em 87, realizado no Centro de Convenções

de Brasília. Dali para a frente os torneios nacionais passaram a ser efetivados na sede da ACPB, no Guará II. O campeoníssimo Trovoada de Edelvis Raposo, o Marlon do Rio ganhava tudo pelo Brasil afora. Resolvi pregar uma peça no amigo Marlon. Peguei Coqueiro durante a semana o levei no brejo por duas vezes. Fiz tudo dentro do figurino, no sábado dei uma volta de carro com ele pelas cercanias. No torneio, foi aquele pau, Trovoada como sempre um espetáculo, deu mais de 200 cantos. Coqueiro ficou para a última bateria, chamei Marlon para acompanhar para depois não haver dúvidas quanto a marcação. **Coqueiro** pareceu que sabia que ali era a "saideira", cantou como nunca, repetiu, não foi no cocho e ganhou o torneio com quase cinquenta cantos a mais.

Como disse, era um curió completo, mas não existe nada perfeito. Tentamos de todo jeito tirar filhotes dele. Fizemos de tudo, o levei para o Criadouro Picinini, pensando, o Marcílio dará um jeito. Ficou por lá quase um ano, não deu certo, era infértil. Nesse caso, pelo menos minha consciência ficou tranquila por ter propugnado para reproduzi-lo. Péssimo, um material genético como o dele difícilíssimo de ser encontrado.

Assim que veio de volta de Marcílio, o passei para o amigo Roberval Gambirinha que o transferiu para Celso Neves me falou que ele tinha machucado os olhos, aí expliquei que seria por aquele motivo dos olhos estufados. Infelizmente voltando para o Gambirinha foi a óbito numa noite escura. Nessa vida onde se vê muita coisa, conheci centenas de curiós de todos os tipos, completo como **Coqueiro** nunca, jamais. Pena que não ficamos com sua genética, no entanto, há um consolo pelo menos tentamos.

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista - Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar

www.lagopas.com.br